

## A FORMAÇÃO ESTÉTICA COMO ELEMENTO HUMANIZADOR: PRIMEIROS ENSAIOS

Yasmin Varela Domingues<sup>1</sup>

**RESUMO:** O relato a seguir trata-se de uma experiência vivenciada através do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência), caracterizando-se por uma atividade com o objetivo de desenvolver os sentidos. A ida ao teatro como parte da formação estética demonstrou o quanto a aceleração do dia-a-dia nos torna insensíveis aos estímulos do mundo. Faz parte do processo de formação de um ser humano e docente pleno, o refinamento os sentidos, a fim e estarmos abertos aos estímulos do mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estética. Sentidos. Sensível.

Expectativa ao entrar no teatro. Inicia-se a *performance* teatral. Os atores dão a impressão de estarem parados no tempo, consumidos pela poeira, esquecimento. As luzes, figurino, os cheiros, os sons, tudo aguça os sentidos, chama a atenção. A peça procura retratar a vida e obra do artista catarinense Franklyn Cascaes, nascido em 16 de outubro de 1908 em Florianópolis (SC).

A encenação começa calma, nostálgica, mas à medida que os personagens começam a falar de Cascaes pode-se sentir a paixão e a emoção como algo real, não apenas encenado. Mostram a grande vocação artística de Cascaes, que sempre curioso experimentou os mais diversos materiais na confecção de suas obras.

O que mais chamou minha atenção é a significação de todo o trabalho artístico de Cascaes. Artista que dedicou sua vida a retratar a beleza da sua Ilha do Desterro (Florianópolis). Suas obras retratavam o homem regional, o folclore da região, as belezas, as crenças...

Fiquei profundamente tocada com o paralelo que os personagens traçaram entre o presente e o passado. Em como a obra de Cascaes visava eternizar um presente que aos poucos se extinguia. A forma de protestar pela coletividade das riquezas naturais, dizer

---

<sup>1</sup>Licencianda do Curso de História da UNIVALI. Bolsista PIBID Interdisciplinar no CEM Tomaz Francisco Garcia. Balneário Camboriu (SC). [yasminvd@yahoo.com.br](mailto:yasminvd@yahoo.com.br).

que o homem ficou e está cego. A maneira como estamos crescendo, sitiados, presos, futilizados. Crianças que cresciam soltas brincando, hoje têm sua imaginação tolhida pelos muros, cercas e arames farpados.

As criaturas folclóricas que Cascaes criava passam por mim como representações dos medos do ser humano, seus pensamentos mais profundos, aquilo que não entendemos.

A peça retrata como o conhecimento popular como o uso das ervas tem perdido espaço para os grandes conglomerados farmacêuticos. A modernidade tem tomado o espaço do simples, do real, do verdadeiro; colocando no lugar cópias genéricas, falsas. Criações do ser humano, idolatradas pelo ser humano.

Algo que me chamou a atenção foi uma frase que a personagem disse: "O homem fanático pela harmonia rejeita tudo que é disforme, chamando-lhe mal". Esta frase pulsou em meus ouvidos, pois venho refletindo em como essa sociedade exige um padrão, uma normatização de seus membros, excluindo tudo que é diferente, anormal, fora do padrão. Enfim, a sociedade exclui tudo que não é harmonioso, segundo seus próprios conceitos.

O relato acima representa minhas emoções após assistir a uma peça teatral no Teatro Bruno Nitz em Balneário Camboriú (SC), como parte da minha formação estética pelo Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência, o PIBID. Considero este, um exercício sem dúvida importante para que eu venha ser uma docente mais crítica, sensível e reflexiva. É o refinamento da percepção e da sensibilidade, por meio do fomento à criatividade e ao desenvolvimento do olhar sensível.

Fala-se muito em superar um modelo educacional tradicional que remonta aos jesuítas onde o aluno deveria “estudar, repetir e disputar” (SILVA, 2010), ou seja, o conhecimento era transmitido pelo professor ao aluno, que deveria memoriza-lo através de exercícios de repetição e assim testar seu aprendizado com alguma prova.

Tenho percebido que este modelo continua presente nas escolas, reforçando-a enquanto espaço não democrático em que as crianças exercitam o respeito à vida, mas sim “[...] um presídio de alunos, um depósito de conteúdos impostos sem muito sentido, um desrespeito aos saberes que os alunos já trazem, um lugar onde as crianças não têm direito a voz” (MOSE, 2013).

A escola continua reproduzindo um modelo que trata de conhecimentos teóricos, técnicos e que elimina saberes críticos e reflexivos. Não se educa a partir do sensível, não se deixa o aluno perceber a si mesmo e ao mundo integrados. Como afirma Viviane Mosé (2013), não formamos pessoas, mas fragmentos desconectados. Busca-se ensinar o

conhecimento específico, fragmentado, não permitindo ao educando estabelecer as múltiplas relações que os saberes têm entre si, mas sim partes isoladas e desconectadas (MOSÉ, 2013).

Para Read (2001) a educação estética tem como objetivo preservar a intensidade natural de todos os modos de percepção e sensação, coordenar os vários modos de percepção e sensação entre si e em relação ao meio ambiente e desenvolver a expressão do sentimento de forma comunicável, que de outra forma, permaneceriam parcial ou completamente inconscientes.

Mergulhada na obra de Cascaes pude perceber o quanto andamos desconectados da vida, tal qual escreveu Rousseau em sua novela romântica *A nova Heloísa*, em que o jovem herói sai do campo para a cidade e relata à sua amada as experiências desse turbilhão social:

Após alguns meses nesse meio, eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer o que sou e qual meu lugar. (ROUSSEAU, 1761 *apud* BERMAN, 1986, p. 12).

Pode-se perceber que já no período da Revolução Francesa, no século XVIII, os homens já sentiam a angústia da modernidade, processo este que vinha ocorrendo desde a queda de Constantinopla em 1453, segundo a convenção dos historiadores. Duarte Junior (2000) afirma que o que a humanidade tem vivido pode-se chamar de uma crise da modernidade, havendo a proliferação dos especialistas que possuem conhecimentos cada vez mais exclusivos e fragmentados, em detrimento daquelas pessoas com conhecimentos abrangentes e integrados.

Quem sabe um dos primeiros passos para a mudança esteja na educação do sensível para o docente e futuro docente. Conhecer o outro, suas formas de criação, sua maneiras de ser e estar no mundo propicia o desenvolvimento do respeito ao outro, do reconhecimento da subjetividade, da singularidade na diversidade. Duarte Junior ressalta a importância de voltarmos às nossas raízes de seres humanos observadores que adquirem conhecimento primeiro através do saber sensível e depois de forma inteligível:

Aqui se insistirá, pois, na necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar *educação estética*. Contudo, não nesse sentido um tanto desvirtuado que a expressão parece ter tomado no âmbito escolar, onde vem se resumindo ao repasse de informações teóricas acerca da arte, de artistas consagrados e de objetos estéticos. Trata-se, antes, de um

projeto radical: o de um retorno à raiz grega da palavra “estética” — *aisthesis*, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado (DUARTE JUNIOR, 2000, p. 15).

Penso que devemos rever nossa prática pedagógica no tocante ao saber sensível, pois somente o conhecimento científico não é suficiente para que aprendamos sobre um mundo que é real e precisa ser vivido, tocado. O conhecimento científico não passará de uma representação abstrata se não pudermos compará-lo ao saber sensível adquirido através dos nossos sentidos. Como afirma Duarte Junior (2000, p. 15) precisamos “[...] nos dedicarmos no desenvolvimento e refinamento dos nossos sentidos, que nos colocam face a face com os estímulos do mundo”.

Enfim, penso que para formar seres humanos “mais humanos”, a escola e nós docentes e futuros docentes devemos fazer um esforço para unir o saber sensível ao inteligível, ajudando no processo de formação de cidadãos plenos, portadores de um raciocínio complexo, que consegue articular o todo. Dentro desse projeto a formação estética tem extrema importância no processo de humanização do educador.

## REFERÊNCIAS

BERMAN, M.. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DUARTE JUNIOR, J. F.. **O sentido dos sentidos: a educação do sensível**. 2000. 233 f. Tese (Doutorado em Educação).- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MOSÉ, V.. **A escola e os desafios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

READ, H.. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, K. G.. **Educar e converter: os métodos educacionais jesuítcos**. Araguaína, 2010. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA-cwAJ/educar-converter-os-metodos-educacionais-jesuítcos>>. Acesso em: 06 jun. 2015.